

LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS: RECORTES DE MEMÓRIA DO MOVIMENTO SÓCIO-RELIGIOSO DOS MONGES BARBUDOS DE SOLEDADE APÓS A AÇÃO VIOLENTA DO ESTADO EM 1938

AUTOR: SIMONE PINHO DE OLIVEIRA¹
ORIENTADOR: CARLA RODRIGUES GASTAUD²

¹ Universidade Federal de Pelotas - UFPEL - simone.aqr@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - UFPEL - crgastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL tem caráter qualitativo, exploratório e pretende espreiar-se sobre o campo de estudo da memória social do movimento sócio-religioso dos Monges Barbudos de Soledade, buscando indícios de transmissão de memória vertical (entre gerações) pelos participantes do movimento aos seus descendentes.

Este movimento ocorrido entre 1935 e 1938, teve início após a passagem no local do andarilho João Maria, o Monge João Maria no planalto médio, região nordeste do Rio Grande do Sul, ao pé da Serra do Botucaraí, na Bela Vista, então 6º distrito do município de Soledade. Ali uma pequena comunidade camponesa de origem cabocla cultivava entre outros, tabaco, com o que abastecia os comerciantes locais que distribuiam o produto ao país e exterior.

Historicamente a região ao pé Serra do Botucaraí foi área de produção de erva-mate (*Ilex Paraguariensis*), ervais nativos de ocorrência endêmica em terras de uso comum do Estado, extrativismo inicialmente realizado por missionários guaranis, posteriormente pelos caboclos, os “brasileiros”, cariyeiros. Em 1883 Soledade informou ao governo provincial que a principal indústria local, de erva mate, teve exportação anual de 100.000 arrobas ou 1.468 t (GERHARDT, 2013, p. 63).

A predominância do extrativismo nos ervais nativos do Estado para produção de erva mate facultava a extração e manejo de roças por caboclos sem terra. Entretanto, a progressiva privatização destas áreas, um processo complexo e envolto de arbitrariedades, fraudes, conflitos entre câmaras municipais, erteiros, agricultores, latifundiários e comerciantes, levou ao desmonte do sistema produtivo que permitiu a sobrevivência de populações pobres que nunca chegaram à propriedade da terra na qual viviam.

Nas décadas seguintes à colonização avançou, matas centenárias caíram dando lugar a lavouras de cultivo e criação de animais, políticas públicas avalizaram e fomentaram esta mudança que excluía a população cabocla ligada às florestas e aos ervais. Introduziram-se diversas culturas, inclusive algumas que viriam a arraigar-se e dominar fortemente como o tabaco, momento em que a erva-mate já se tornava inexpressiva.

Neste cenário surge o movimento sócio-religioso dos Monges Brabudos, que acabou por desafiar econômicamente as elites locais, pelo abandono do cultivo de tabaco que abastecia os comerciantes, pela sua organização comunitária uma vez que cooperavam entre si, por sua visão alternativa sobre os recursos naturais, pelas práticas de uso de ervas curativas e a forte religiosidade.

O movimento teve o mesmo desfecho trágico de diversos outros na história do estado e do país, o extermínio sob o tacão das forças policiais do Estado. Deste conflito restaram diversos mortos, mais de uma centena de presos, humilhados, torturados, dezenas de processos judiciais sobre uma população de

camponeses caboclos que viviam do trabalho em terras alheias, alguns eram proprietários de terras, ervateiros, ameríndios. Este grupo foi pejorativamente caracaterizado e desqualificado tanto pela imprensa nacional, como por autoridades constituídas em diversos poderes e instâncias, taxados de fanáticos, bandidos, criminosos, comunistas, etc.

Passados 81 anos do conflito que dizimou o movimento, nos resta uma pergunta, o que contam os descendentes dos “barbudos” sobre o movimento, sobre o conflito, que memórias compartilham no presente? Para Paul Ricoeur, quando ouvimos memórias de outros tempos transmitidas diretamente de gerações anteriores, pais, avós, tios, memória familiar, temos a possibilidade de estabelecer uma ponte com um tempo não vivido (1985 apud CANDAU, 2005, p. 63), pois memórias podem ser aprendidas, herdadas, transmitidas e não unicamente vividas.

A memória deste movimento, que culminou no conflito, são memórias sofridas, dolorosas e difíceis. Para relatar seu sofrimento, a pessoa precisa antes de mais nada, encontrar alguém que a ouça, um saber ouvir, uma escuta segundo MICHAEL POLLAK (1989), e, quase inevitavelmente, os primeiros ouvidos são de familiares, descendentes ou ascendentes.

As memórias marcantes podem ser transmitidas de maneiras diversas. Pela via narrativa, esta transmissão pode se dar verticalmente (entre gerações) ou horizontalmente (dentro de uma mesma geração), de forma consciente ou não, e opera, ao final, pela metamemória, ou seja, pela representação que cada indivíduo cria de sua memória (JOEL CANDAU, 2005, p. 98 e 183). Para ALESSANDRO POTELLI, durante a narrativa, a história e a identidade dos falantes transmitem significados que nem sempre são conscientes, podendo surgir então, teias de conexões e feixes de significados não intencionais, inesperados (2016, p. 21).

Quando a memória social, ou mesmo a memória individual, biográfica é transformada em registro material através da narrativa, do testemunho, cria-se a estrutura fundamental de transição entre memória e história (PAUL RICOEUR, 2018, p. 41).

O que buscamos nesta pesquisa é este rastro memorial, iniciado, entre outras possibilidades, por sociotransmissores; por sítios de memória, oficiais ou não; por práticas relativas a recursos naturais iniciadas pelos barbudos; pela devoção a João Maria. O que marcou/marca, atuou/atua na transmissão de memória entre gerações, que sentimentos persistem em relação ao movimento.

A historiografia sobre o movimento utilizada nesta pesquisa, no sentido de compreender o que levou o Estado a agir de forma brutal sobre o grupo, o momento político e demais fatos documentados sobre o movimento e o conflito, foram os trabalhos de Cesar Hamilton Brito Goes, Fabian Filatow, Henrique Aniceto Kujawa e Maria da Glória Koop.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em curso é qualitativa exploratória de campo nos municípios de Segredo, Lagoão, Tunas, Jacuizinho, Salto do Jacuí e Soledade. A coleta de dados se dará via entrevista despadronizada, trazendo liberdade de ação ao pesquisador e mais flexibilidade para a narrativa dos entrevistados.

Neste sentido, as representações trazidas pela narrativa destes entrevistados, suas memórias, lembranças e/ou esquecimentos, meios memoriais de transmissão, achados na dialógica narrador/entrevistador, se faz fonte rica e diversa, será analisada de forma qualitativa, utilizado como fonte teórica os autores Alessandro Portelli, Joel Candau, Maurice Halbwachs, Michel Pollak, Paul

Ricouer, Paul Thompson e Verena Alberti. A oralidade, a narrativa transformam as experiências, as memórias em linguagem, selecionando e organizando fatos segundo o sentido dado por cada narrador é o cristalizar da história oral, onde a narrativa é um dos seus alicerces VERENA ALBERTI (2013, p. 77). Desta mesma forma, se a memória está presente no corpo, no pensamento e na linguagem, e ela nos inscreve como singulares e também como seres coletivos, é através dela, da linguagem, da oralidade, da narrativa é que buscamos nesta pesquisa a memória.

As entrevistas serão degravadas para uso na pesquisa.

Poderão ser utilizados também, registros documentais oficiais, da igreja, do Estado, bem como publicações do período, jornais e revistas, demais livros editados sobre o movimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento, todo o levantamento de fontes bibliográficas e de seu conteúdo foi realizado, se busca ainda estabelecer quais marcadores memoriais ou sociotransmissores podem servir como apoadores, auxiliares durante a pesquisa de campo, observando indícios destes nas fontes levantadas e posteriormente também em campo.

A primeira incursão de campo está prevista para a primeira semana de outubro próximo.

4. CONCLUSÕES

Até o momento foi possível saber que existem na região descendentes dos participantes das famílias Costa, Gonçalves da Costa e Fiúza; que ainda hoje há algumas evidências de devoção manifestas em altares de reza a João Maria, em diversos municípios da região, com a presença de imagens (fotografia) atribuída ao monge naquela época; que existe mobilização de comunidades em algumas localidades no intuito de proteger fontes de água que afirmam terem sido demarcadas por João Maria e ter poderes curativos; pelo menos um ponto de resistência ao cultivo de soja, tanto quanto houve em relação ao tabaco pelos barbudos no passado;

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar, Textos em História Oral.** 1 ed. Rio de Janeiro, 2013.
2. CANDAU, Joel. **Antropologia da memória.** Joel Candau; tradução Mirian Lopes – Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
3. FILATOW, Fabian. **Do sagrado à heresia: o caso dos monges barbudos (1935-1938).** 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
4. FILATOW, Fabian. **Política e violência em Soledade – RS (1932-1938).** 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2015. 258 f.
5. GERHARDT, Marcos. **História ambiental da erva-mate.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2013.
6. GOES, Cesar Hamilton Brito. **Nos caminhos do santo monge: religião, sociabilidade e lutas sociais no Sul do Brasil.** 2007. Tese (Doutorado em

- Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
7. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2a Ed.; São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
 8. KUJAWA, Henrique. **Cultura e Religiosidade Cabocla: Movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul -1938**. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 59.
 9. KOPP, Maria da Glória Lopes. (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). **A Chave do Céu e a Porta do Inferno: Os Monges Barbudos de Soledade e Sobradinho**. 2014. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
 10. POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Michael Pollak: Tradução de Dora Rocha Flauman - In. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, V. 2, Nº. 3, 1989, p. 3-15.
 11. PORTELLI, Alessandro. **História Oral Como Arte da Escuta**. Alessandro Portelli: Tradução de Ricardo Santiago. São Paulo. Ed. Letra e Voz, 2016.
 12. ROCOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Paul Ricoeur: Tradução Alain François [et. Al.]. Campinas. Ed. UNICAMP. 7 ed. 2018.
 13. THOMPSON, Paul. **Voz do passado: historia oral**. Paul Thompson: Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. [s.l.]: Ed. Paz e Terra, 1998.